

CAPITAL NATURAL – PECADOS E VIRTUDES HUMANAS

Gy Reis Gomes Brito¹
Juliana de Jesus Alves da Silva²

Resumo: O nosso interesse neste artigo é simplesmente procurar entender e visualizar a terra como uma espécie de superorganismo, um ecossistema global em todos os seus ecossistemas verdadeiramente integrados, propiciando, assim, uma compreensão mais cosmológica do todo em busca de uma verdadeira consciência planetária para sua proteção, conservação e sustentabilidade. Pensando no ecossistema brasileiro, podemos também refletir um pouco mais sobre o planeta Terra, pois ações destrutivas causadas no Brasil pelo homem são realidades vigentes também há tempos em outros territórios. A década de 80 considera-se significativa por ter alavancado muitas lutas sociais em defesa de políticas de sustentabilidade do meio ambiente.

Palavras-chave: Cosmologia. Sustentabilidade. Destruição. Gaia.

1 Doutor em História, professor de Antropologia no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

2 Acadêmica do 5º período de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

NATURAL CAPITAL - SINS AND HUMAN VIRTUES

Abstract: Our interest in this article is simply an attempt to understand and visualize Earth as a kind of superorganism, a global ecosystem in all its truly integrated ecosystem, thereby providing a more cosmological understanding on the whole in search of a true world consciousness to its protection, conservation and sustainability. Thinking about the Brazilian ecosystem, we can also reflect a bit more about the planet Earth, for destructive actions caused by men in Brazil has been a reality for a long time in other territories. In the 80s many social struggles in defense of policies for environmental sustainability started, thus considered a landmark.

Keywords: Cosmology. Sustainability. Destruction. Gaia.

Introdução

Tempos complexos estes em que vivemos: a um só tempo, entre o estado de natureza e o de cultura, avanços e retrocessos, com muitas facilidades e dificuldades, maravilhas e dramas, progresso e barbárie. Enfim, um mundo de grande riqueza e diversas possibilidades de aprendizado. Dentre todas as riquezas ao nosso redor, sobre o tablado da vida, talvez a mais consistente e eficaz seja a de podermos escolher sermos os personagens principais do “drama” de nossa vida, tornando-nos protagonistas, com poderes de mudar a ação e o diálogo ou simplesmente nos posicionarmos como espectadores, passivos diante do andar da carruagem ou do trem da história.

Entendemos que o cidadão não pode ser simplesmente o indivíduo que vive na cidade, mas o indivíduo que assume perante os outros uma postura ativa na vida, agindo sobre e agindo com, pois ser cidadão é participar do processo de construção, é responsabilizar-se pelo planeta no qual vivemos. Não podemos nos perder em nossos próprios labirintos morais, nem nos distanciarmos de nossas reais necessidades, nem tampouco escondermo-nos em subterfúgios, muitas vezes destrutivos e cruéis. É preciso, urgentemente, corrigir os erros de um passado não tão distante – o qual substituiu coisas por pessoas – e não deixar permanecer coisas no lugar de pessoas, pois coisas

são coisas e pessoas são pessoas.

Ao olharmos para nós mesmos, o que vemos? Vemos em todos os lugares do planeta terra homens aflitos, angustiados e inquietos para com a dinâmica do movimento da terra. Tudo se move rapidamente; a lentidão ou a ordem natural dos movimentos foi alterada pela ação destrutiva do homem sobre a natureza. Pensar sobre os efeitos climáticos e a origem do mundo não é tarefa muito fácil, mesmo porque homens de todos os tempos se debruçaram e ainda se debruçam sobre métodos de pesquisas e planos de sustentabilidade, se dedicando horas a pensar sobre o destino deste planeta.

O nosso interesse neste artigo é simplesmente procurar entender e visualizar a Terra como uma espécie de superorganismo, um ecossistema global em todos os seus ecossistemas verdadeiramente integrados, propiciando, assim, uma compreensão mais cosmológica do todo em busca de uma verdadeira consciência planetária para proteção, conservação e sustentabilidade do mesmo. Pensando no ecossistema brasileiro, podemos também refletir um pouco mais sobre o planeta Terra, pois ações destrutivas causadas no Brasil pelo homem são realidades vigentes também há tempos em outros territórios.

Pecados e virtudes humanas

No Brasil, a década de 80 considera-se significativa por ter alavancado muitas lutas sociais em defesa de políticas de sustentabilidade do meio ambiente. Em 1986, o naturalista Ibsen Gusmão Câmara já denunciava o caos brasileiro proveniente da precária situação em que se encontravam parcelas representativas da natureza brasileira. A entrada das empresas transnacionais em nosso território já era visível, explorando desordenadamente, sem nenhum princípio de sustentabilidade, as espécies regionais não selecionadas que dão origem às variedades de sementes de grande utilidade para a reprodução da cadeia alimentar humana.

O processo de desertificação e o assoreamento em todo o território nacional vão se consolidando paulatinamente; algumas áreas mais agressivas do que outras, sendo as ações dos homens responsáveis pela diminuição ou estreitamento da distância dos efeitos do clima, como chuvas ácidas, motivadas pelo

crescimento sem limites das sociedades de livre empresa.³ Os modelos expansionistas desencadeados desde as invasões germânicas na Europa e importados por diversas nações têm sido a mola propulsora desse desequilíbrio ambiental que se instalou em todo o planeta. Diante desses fatos até aqui expostos, percebemos que, para muitos líderes do mundo, a Terra tem sido vista como algo exterior ao indivíduo, mesmo estando umbilicalmente conectado a ele e nele imerso, traduzindo-se, assim, uma verdadeira dicotomia humana.

Sabemos que não é bem assim, pois dependemos integralmente da natureza, já que a vida começa com as plantas, nos antecedendo; e terminamos também com elas; sem estes seres vivos e o ecossistema a vida para nós não teria sentido. A função da planta para os humanos sempre foi e será questão de vida ou morte. O exercício pró-humano que as plantas fazem com a produção da fotossíntese é sensacional, inacreditável, pois as plantas captam energia solar, retiram do ar gás carbônico, que elas combinam com água para fazer substâncias orgânicas, liberando assim o mais precioso produto que a natureza nos oferece, e de graça: o oxigênio.

Todos os animais, para sobreviverem, necessitam de energia e sabemos que a única fonte inesgotável de energia existente na Terra é a radiação solar, a qual não se sabe precisar até quando vai durar. Conforme Carlos Minc (1997)⁴

A Terra abriga 30 milhões de espécies de vida vegetal e animal, das quais apenas 2 milhões são conhecidos e estudados. Existem atualmente 5.500 espécies animais e 4 mil espécies vegetais seriamente ameaçadas de extinção, sendo que 450 dessas espécies animais e vegetais são do Brasil (MINC, 1997, p.15).

A humanidade já consome 25% mais recursos naturais do que a capacidade de renovação do planeta Terra. Acreditamos que, se o homem não criar mecanismos eficazes para o controle e a desaceleração do consumismo, em menos de 50 anos serão necessários mais de um planeta Terra para atender

³ Sobre o assunto, ver: *O estudo de impacto ambiental (EIA), sua importância, aplicação e controle como uma ferramenta legal de defesa dos recursos naturais e paisagísticos é o tema abordado por Paulo Affonso Leme Machado, analisando a Lei 6.803/80, sobre Zoneamento Industrial; a Lei 6.938/81, sobre Política Nacional de Meio Ambiente; e o Decreto 88.351/83, mostrando que textos legais não faltam, e sim, o seu cumprimento, como em relação à projetada expansão do Polo Petroquímico do Rio Grande do Sul. Ver: Lutzemberg&Lewgoy, Política e meio ambiente. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. 116 p. (Tempo de Pensar, 6).*

⁴ Minc, Carlos, *Ecologia e Cidadania*, São Paulo: Moderna, 1997 – (Coleção Polêmica).

as nossas reais necessidades, como água potável, energia e alimentos. A partir do aquecimento global a que já estamos assistindo, são visíveis as desigualdades de acesso à água, à energia e à produção de alimentos.

Essa situação de destruição que vemos ao nosso lado pode sim dificultar e comprometer a vida de todos os seres vivos do planeta e, provavelmente, a espécie mais frágil seja a humanidade. Todos estes consumos causam enormes impactos na natureza, seja (positivo ou negativo) nos setores da economia, nos setores sociais e em todos os indivíduos onde quer que estejam. Já é de conhecimento de grande parcela da humanidade a importância que têm as árvores, florestas, pradarias, os banhados, as algas microscópicas dos oceanos como órgãos interdependentes do homem.

São externos é verdade, mas têm a mesma ou mais importância do que os nossos órgãos internos. A matemática é muito simples, somos cúmplices uns dos outros, a terra mãe precisa de todo esse conjunto integrado de seres vivos. É clássica a ideia de valor que temos sobre a complementariedade e interdependência de fotossíntese e respiração, de sedentariedade e mobilidade, pois este processo vital é apenas uma entre a infinidade de interações que integram a grande razão da vida.

A agressão ao meio ambiente precede o capitalismo; nas sociedades primitivas, encontramos práticas humanas de destruição da natureza em torno dos territórios conquistados ou não, seja em busca de caças ou de plantio para a alimentação dos nossos antepassados. Sabemos que a população era escassa, a tecnologia era rudimentar, e o que entendemos de meio ambiente era percebido e tratado como fator primordial para a alimentação da comunidade. A divisão de trabalho era simples e, mesmo assim, os aldeamentos humanos buscavam a geração de excedente na alimentação, já produziam e armazenavam para o sustento em períodos de chuvas intermitentes ou secas.

Entendemos que, nos primeiros agrupamentos humanos, o excedente era uma garantia para enfrentar períodos difíceis de caça e de pesca. A partir dessas experiências, foram acumulados conhecimentos, viabilizando, assim, excedentes consideráveis por meio da domesticação animal e do aumento de áreas irrigadas, constituindo, dessa maneira, as estruturas necessárias ao bom desempenho da base comercial, manufatureira e escravista, fortalecendo

definitivamente as sociedades de classes.

Com o advento da sociedade industrial capitalista, sabemos que houve impactos ambientais em um patamar com intensidades já mais conhecidas anteriormente pela humanidade. A densidade demográfica ampliou-se, as áreas rurais foram diminuindo, a mobilidade urbana andou a todo vapor, produzindo substanciais impactos frente ao processo civilizatório, substituindo florestas naturais por pastagens, aumentando as extrações minerais e abastecendo as já conhecidas manufaturas de armas de guerras. Como consequências iniciais, houve e ainda há os desequilíbrios ambientais que assustam a todos os humanos, como a peste negra, a malária, a dengue, a leptospirose, a hepatite, o sarampo e, como se não bastasse, surgiu o ebola, ocorrendo seriamente o risco de extermínio de grande parcela de seres humanos pelo planeta.

A mineração pelo mundo trouxe consequências destrutivas irreparáveis aos povos nativos; mensurar seria impossível, dado ao alcance dessa atividade exploratória pelo planeta. Junto com o processo desordenado de mineração, tivemos também o escravismo colonial, destruindo os povos nos continentes africano, americano e alhures. Paralela a este processo, a destruição de matas nativas inteiras. Segundo Carlos Minc:

O mesmo sistema que extraiu do continente a força de trabalho escrava dizimou 90% da Mata Atlântica em 490 anos de colonialismo e de latifúndio pecuarista e monocultor integrado ao capital comercial. Em seu monumental livro *A ferro e fogo – a história da devastação da Mata Atlântica*, Warren Dean, historiador e brasileiro americano tragicamente morto no Chile em 1994, mostra como nesse período a Mata Atlântica foi implacavelmente reduzida de um milhão e 84 mil km² em 1500 para 95 mil km² em 1990 (MINC, 1997, p.37).

Os pecados sociais continuam e se fundem nas agressões ambientais, trazendo resultados devastadores aos mundos, humano, animal e vegetal, sem com isto sensibilizar as inúmeras agendas econômicas acordadas pelas potências mundiais. As condições em que nos encontramos são lamentáveis; a cidade, o grande organismo vivo que abriga homens de diversas etnias, está no fundo do poço, doente e sem o devido cuidado necessário para a sua recuperação.

Entendemos que, para cada necessidade, existe uma função, e o pensador francês Émile Durkheim é quem nos mostra, cientificamente, que cada indivíduo tem sua singularidade, havendo ainda uma necessária interconexão entre os indivíduos para compor o todo; dentro desse todo, cada um teria sua função social, e o que nós assistimos hoje em dia é uma verdadeira falta de solidariedade e comprometimento para com o planeta Terra, ou melhor, com Gaia, a mãe de todos nós.

Para compreendermos melhor a importância que o planeta Terra tem para todos os seres vivos, é bom lembrarmos as discussões que o naturalista Lutzemberg aborda sobre e Gaia, a qual recebe esta nomenclatura e possui um sentido etimológico muito mais profundo. Lutzemberg inicia sua abordagem partindo de uma linha de raciocínio intitulada por ele de pensamento cartesiano, cujo olhar projetado sobre o meio ambiente tem o efeito de fazer a separação entre homem e natureza. Neste sentido, o homem moderno pouco tem exercitado o olhar para o meio ambiente, a concentração de maior interesse tem sido os horizontes tecnológicos, bem como a economia. Já que o pensamento inicial atesta de um lado o homem e de outro a natureza, o comportamento moderno pode levar o homem a imaginar habitando um planeta sem a presença de vegetação ou plantas.

Lutzemberg faz essa reflexão a partir de um experimento feito por Eisten, com a intenção de questionar ou provocar o homem a imaginar viver em um planeta vivo como o nosso sem a presença de plantas. Seria possível? No entanto, diante dessa ideia ilógica, Lutzemberg adianta-se em responder à questão levantada por ele. Com o objetivo de atestar a sua resposta, faz uma seleção de cadeia alimentar entre animais, os quais são classificados de acordo com a alimentação, iniciando pelos carnívoros até chegar aos herbívoros, de onde se pode dar continuidade ao ciclo. A ideia transmitida por Lutzemberg é a de que o processo termina na planta, não existindo, portanto, alimentação sem passar pela planta.

A justificativa para esse marco está relacionada com a capacidade que o vegetal possui de realizar a fotossíntese. Por outro lado, o autor ressalta a importância dos animais na alimentação das plantas; após o processo respiratório, os animais, por sua vez, devolvem o gás carbônico ao meio ambiente, consumido pelas plantas. Analisando essa relação, fica clara a dependência

de ambos para se manter vivos.

Com o objetivo de levar o leitor a adentrar os pormenores sofridos pela natureza, ou seja, o grau de agressão provocado pela modernidade ao planeta Terra, usando o método historiográfico, o autor demonstra as principais partes formadoras do planeta, bem como as etapas em que houve alterações que modificaram a sua dinâmica entre essas alterações climáticas. A devastação sofrida é incalculável, até parece irreversível; contudo, a unidade planeta Terra tem capacidade de se autorregenerar.

Nesse sentido, o autor discute que, para o sucesso desse equilíbrio, depende em muito da visão diferenciada do homem pesquisador. Lutzemberg apresenta dois tipos de biólogos: o primeiro, de acordo com o autor, é o naturalista: “Para o naturalista, a Natureza não é simples objeto de estudo e manipulação, é muito mais. Ela é algo divino” (LUTZEMBERG, 1986, p.16). O segundo biólogo é o científico. Sendo assim, entende-se que, para compreender o meio ambiente, é preciso deixar-se transcender para além da visão pura e científica. Com referência à posição do biólogo naturalista, é possível que haja uma demanda de mudança de comportamento para com a natureza.

O homem, ao unir o sagrado com o racional, amplia a capacidade de reconhecer a si mesmo como parte desse grande corpo que é a sua casa, o planeta Terra. Subtende-se que a consequência seja a integração de forma naturalizada. É inevitável fazer essa síntese, pois como diz o autor, “o planeta Terra é um ser vivo, um ente vivo com identidade própria, o único de sua espécie que conhecemos” (LUTZEMBERG, 1986, p, 23). Por isso é urgente entrar em ação para proteger esse único exemplar; é tarefa desafiadora, mas inadiável, vencer as barreiras das tecnologias geradoras de lucro e superar o orgulho do homem empreendedor é parte do processo.

Entendemos sim, que se comparada a Terra como os órgãos do corpo humano, veremos que todos os seus órgãos estão inflamados; ela sofre de conjuntivite, amnésia, estresse, ebola, traumatismo craniano, fratura dos membros, câncer, obesidade, depressão e, como se não bastasse tudo isto, Gaia ainda sofre de falocracia aguda (violência machista): as ruas, as praças, os becos, as áreas de lazer e de trabalho em diversos lugares do planeta se transformaram em palcos com cenas dramáticas de estupros diários, com su-

plementos eróticos patrocinados pelas revistas pornô e pela mídia televisiva em horários não muito recomendados para a juventude.

As agressões contra negros, pobres, homossexuais, brancos, índios, pardos, mulheres, idosos e portadores de necessidades especiais invadem incontáveis labirintos das metrópoles e áreas rurais. A cidade do cidadão está se desfigurando; o direito do vizinho está de muda; o veneno está na mesa e no ar. A violência a que assistimos a todo instante dilacera a cidadania.

Os lixos provenientes da cultura do consumismo desenfreado estão por todos os lugares. É necessário e urgente mudar os rumos da história dos homens. É preciso substituir valores e, no lugar de coisa, colocar pessoas. Para que tudo isto aconteça, só precisamos cultivar e dinamizar a educação, fazer desabrochar o amor para com o próximo, desenvolver a criatividade, envolver o povo, educando e proporcionando a dignidade humana, conquistar a inovação saudável e estimular a capacidade de interação.

O lixo é a nossa sobra, e todo ele tem uma origem, ele pode ser separado e ter um rumo certo e ter um valor agregado, com grandes vantagens da sua redução e eliminação. O lixo é sempre um desperdício, na maioria das vezes, das nossas usuras. Repensar o consumo é fundamental para todos nós, pois é repensando o consumo que praticaremos o consumo consciente, desvinculado da pressão da mídia.

Considerações Finais

Precisamos nos educar para a sustentabilidade, criar novos mecanismos de responsabilidade na produção industrial, responsabilizando quem produz, consome, fornece, revende e importa ou exporta. Os resíduos, em geral, são perigosos, quando em função de suas características físico-químicas ou infectocontagiosas podem apresentar riscos inumeráveis à saúde pública. E só teremos um mundo melhor e com qualidade de vida quando olharmos para todos os lados e vemos crianças, velhos e os doentes mentais recebendo e participando de uma distribuição de renda mais equitativa e dando um rumo certo aos rejeitos da cidade. E lixo nada mais é do que matéria prima fora do lugar. Vamos, definitivamente, substituir coisas por pessoas.

Referências

LUTZEMBERG&LEWGOY. Política e meio ambiente. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. 116 p. (Tempo de Pensar, 6).

MINC, Carlos. Ecologia e Cidadania. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção Polêmica).

Simpósio da Sociedade Latino-Americana e Caribenha de História Ambiental (4: 2008: Belo Horizonte, MG). História ambiental e cultura da natureza: resumos do IV Simpósio da Sociedade Latino Americana e Caribenha de História Ambiental. Regina Horta Duarte, José Newton Coelho Meneses (Org.) – Diamantina: Maria Fumaça, 2008.

TERRA, Revolta da Natureza. Revista PUC Viva. Ano 8, nº 29, janeiro a março de 2007.

MELO,Luis Gonzaga de. Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas – Petrópolis, Vozes, 1987, 528p.

GOMES, Ana Paula Fonseca. O homem e o meio ambiente. Belo Horizonte: SENAC/MG/SEMD, 2003. 67p.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2006. 150 p.

Recebido para publicação em outubro de 2014
Aceito para publicação em novembro de 2014